

ser humano como alguém que não tem acesso próprio à sabedoria, nem à felicidade, nem possui capacidade de decidir por si mesmo o rumo da sua vida.

Há 15 séculos a teologia cristã insiste em descrever o ser humano como um “pecador” que só pode ser salvo por alguma força externa, e graças a uma crença cega, mas não por mérito próprio. Na mesma linha, desde o século 20, as correntes dominantes da Psicologia descrevem o indivíduo humano como um ser manipulável, sem alma, escravo dos seus instintos, completamente controlável através de estímulos deste e daquele tipo. O behaviorismo é a principal destas correntes.

A Psicologia é a ciência convencional que pretende descrever a natureza interior do ser humano. E ela transformou-se em grande parte numa pseudo-ciência mercantil que ignora a alma e a ética. Sigmund Freud formulou uma psicologia profunda, embora impotente diante das forças destrutivas de seu tempo. Carl Jung tomou as descobertas de Freud e as levou para um território destituído de ética e de compromisso com a vida. Quando um psicólogo ou pensador se apresenta como conhecedor da alma humana, mas ao mesmo tempo ignora a Ética, descreve os cidadãos como plenamente manipuláveis e ainda inventa e ensina meios “científicos” de manipulá-los, ele está fazendo Magia anti-evolutiva. No tempo certo, o Carma destruirá as ilusões construídas por tais “cientistas” e não deixará pedra sobre pedra.

Os “especialistas em alma humana” da atual sociedade industrial vêm descrevendo o cidadão e o ser humano como um ser menor, tão instintivo como os ratos, plenamente controlável por um sistema autoritário de estímulos e desestímulos dirigidos ao nível involuntário da sua consciência. Entre as inúmeras consequências deste fato, está o surgimento de várias gerações de políticos anti-éticos. Mas para a filosofia esotérica a ação política destituída de honestidade pertence sobretudo ao mundo das consequências, e só secundariamente ao mundo das causas.

Pergunta:

Qual é a diferença, então, entre a psicologia superficial que busca a mera adaptação do indivíduo à ignorância coletiva organizada, e a teologia dogmática que visa dominar as mentes dos seus fiéis, reduzindo-as à obediência cega?

Comentário:

A diferença é secundária. O pensamento científico vem convivendo bem com a ignorância organizada na forma de igrejas. As escolas de pensamento baseadas na religião convencional descrevem o ser humano como alguém irresponsável, que deve obedecer cegamente a esquemas teocráticos. As escolas de pensamento “científico” que obedecem a interesses mercantis descrevem o ser humano como alguém igualmente irresponsável, que pode ser manipulado completamente por mídia, propaganda, ameaças veladas, sorrisos e promessas de “líderes carismáticos”. Carl Jung, por sua vez, propõe um subjetivismo primitivista, irracional, eticamente irresponsável e que procura ignorar a existência da lei do carma.

Estas escolas e suas doutrinas devem ser mostradas como são. Para que floresça a ética, é necessário que os indivíduos conscientes se librem de tais ilusões. Do século vinte para cá, Erich Fromm está entre os principais pensadores éticos da Psicologia. Seus livros têm profunda

visíveis torna-as cegas para o seu processo de apego e, portanto, de escravidão. Até mesmo o “dever”, quando feito com exagero, pode significar que nosso dever não foi cumprido.

Qualquer veículo de transporte, se não está equipado com um sistema de freios eficiente, se transforma em uma séria ameaça. O mesmo ocorre com as energias do ser humano. O poder da concentração, como todos sabem, é imenso. No entanto, se a concentração for prolongada indevidamente e estiver relacionada apenas com desejos pessoais, ela se torna uma obsessão. Para tornar-nos realmente capazes de dirigir nossas mentes, devemos, segundo William Judge afirma no início da sua versão dos Aforismos de Ioga de Patañjali, “desenvolver a vontade (.....), de tal modo que, ao invés de permitir que a mente vá de um assunto para outro ou de um objeto para outro e seja movimentada por eles, nós a usemos como instrumento – a qualquer momento e *durante um período tão longo quanto quisermos* – para a observação do que tenhamos decidido escolher.”

O mesmo ocorre com a arte de falar, um dos poderes mais importantes de que o ser humano dispõe. O uso generalizadamente excessivo desta faculdade é, sem dúvida, uma doença da nossa cultura. Com frequência os divulgadores mais dedicados da filosofia teosófica, arrastados pelo seu espírito missionário, perdem a oportunidade de parar no momento crucial. Bastam algumas palavras desnecessárias para transformá-los em “chatos teosóficos” e expô-los a acusações de fanatismo. Em seu livro “The Art Spirit”, Robert Henri, um inspirado educador no campo da arte, fez a seguinte profecia, que podemos ter esperança de que se cumprirá:

“Acredito que os grandes artistas do futuro usarão menos palavras. Os textos serão mais curtos, mas mais cheios de significado (.....) Menos coisas serão ditas, mas cada coisa dita será mais completa e receberá uma atenção mais profunda. Agora nós exageramos. Há muita “arte”, muita “decoração”, muitas coisas são feitas e muitas diversões são desperdiçadas. E poucas coisas são realmente apreciadas.”

Em relação aos métodos empregados pelos Mestres de Sabedoria, um instrutor escreveu: “Os Mestres são dirigidos pela lei da ação e da reação, e têm suficiente sabedoria para não fazer algo que poderia resultar na anulação de todo o seu trabalho anterior (.....). Ao ir demasiado longe em determinado momento, empregando grande força no plano mental, a consequência seria uma reação de superstição e de maldade de todo tipo que desmancharia tudo.” Alguns vendedores descobriram esta verdade (embora em um plano muito inferior) em relação à sua profissão. A observação mostra que a resistência de um cliente diante do discurso do vendedor provoca frequentemente um fechamento dos punhos, e que as mãos relaxam tão logo a resistência cessa. Os vendedores que não percebem a chegada desta resistência frequentemente exageram na oferta da mercadoria, o que resulta num desperdício de energia e numa perda de possíveis vendas.

A seguinte observação, contida no seu artigo “O Progresso Espiritual”, mostra a clara consciência que H.P. Blavatsky tinha das nossas dificuldades nesta questão:

“O mal é frequentemente o resultado de um excesso de ansiedade, e os seres humanos tentam sempre fazer coisas em excesso. Eles não aceitam deixar o bem em paz, fazendo apenas o que a situação exige e nada mais. Eles exageram cada ação e assim produzem carma que deve ser trabalhado em um renascimento futuro.” [1]

Se não fosse pela ação benéfica dos testes cármicos, nada poderia deter os indivíduos em seu mergulho de cabeça na direção de um movimento perpétuo, destituído de significado. O coração e a inspiração da teosofia estão no fato de que, através do uso da vontade, nós podemos ser os nossos próprios censores cármicos.

Até o cientista, que para muitos personifica a virtude da pesquisa calma e paciente, pode desenvolver o vício da “impossibilidade de parar”. Em sua busca infundável de fatos e mais fatos, esperando encontrar através deles as respostas definitivas para os mistérios sutis da vida, quantas vezes ele pára durante o tempo suficiente para poder analisar, avaliar e sintetizar – em suma, para compreender? O ponto fraco da ciência de hoje não está na ausência de fatos, mas na ausência de compreensão dos fatos. O Adepto, o Sábio, tendo chegado ao grau mais alto do poder da concentração, parece poder deduzir as leis de todo cosmo a partir de alguns poucos fatos.

Durante Kali Yuga, o “grande homem” – o gênio aclamado –, também é quase sempre um produto da atividade exagerada, e raramente da atividade controlada e equilibrada. Estes indivíduos talentosos podem parecer inspirados, mas nem sempre controlam a fonte de inspiração. Em consequência disso, quando a presença da inspiração está junto a eles, não cessam o trabalho com medo de que o momento precioso se perca para sempre. Um verdadeiro gênio, de acordo com os critérios teosóficos, é um homem aperfeiçoado, com habilidade em todos os tipos de ação correta, nos diferentes estados mentais e níveis de consciência. Ele pode começar e parar à vontade qualquer pensamento, ação ou sentimento. Por mais absorvido que esteja no cumprimento de um elevado dever espiritual, ele é capaz, se necessário, de suspender imediatamente a atividade naquele plano para assumir alguma tarefa mundana. Em sua autobiografia, Mohandas Gandhi faz a seguinte avaliação de um certo Raychandbai, que, embora aparentemente não fosse um Adepto, teve um efeito muito nítido e inspirador sobre a vida de Gandhi:

“As operações comerciais de Raychandbai envolviam grandes somas de dinheiro. Era um conhecedor de pérolas e diamantes. Nenhum problema profissional complexo era demasiado difícil para ele. Mas estas coisas não eram o centro ao redor do qual sua vida girava. O centro era sua paixão por ver Deus face a face. Entre as coisas que eram inevitavelmente encontradas sobre sua mesa de trabalho estavam alguns livros religiosos e o seu diário. No momento em que ele terminava seu trabalho ele abria um livro religioso ou o seu diário (.....). Um homem que, imediatamente após terminar uma conversa sobre operações comerciais de grande porte, começava a escrever sobre as coisas ocultas do espírito não podia, evidentemente, ser de modo algum um homem de negócios, mas tinha que ser um real buscador da Verdade. E eu o vi assim absorvido em assuntos divinos em meio aos negócios não uma vez ou duas, mas muito frequentemente. Nunca o vi perder seu estado de equilíbrio. [2]

É um fato estabelecido que as melhores virtudes, quando levadas ao exagero, se tornam defeitos. Isso poderia significar que todo defeito é uma virtude fora de controle? Até mesmo a maldição do egoísmo é apenas a distorção e a expansão do dever natural do auto-apoio e da auto-preservação. O que é a luxúria ou a paixão obsessiva, exceto o resultado do desejo de *prolongar* uma sensação perfeitamente inofensiva e frequentemente necessária? A comida deve ser saborosa, afirma-se, para que se tire benefício dela. O glutão erra somente porque busca atender um apetite perpétuo

com uma alimentação incessante. O pseudo-asceta condena as sensações; o homem sábio condena a sua não-regulação.

O que impele uma dona de casa ou um homem de negócios que estejam dedicados a alguma tarefa “desagradável” a manter-se trabalhando muito além do que mandam a prudência e o bom senso? É o amor pelo trabalho ou o cumprimento consciente do dever? As razões podem ser numerosas. Para alguns, o trabalho pode ser um ópio para esquecer de problemas, e para evitar examiná-los de frente. Alguns gostam da sensação de estar fazendo algo e daquele momento de satisfação suprema, mas passageira, que há quando uma tarefa é completada. Outros desejam terminar logo o trabalho necessário e esquecê-lo de uma vez. O buscador egoísta do Nirvana, ou da salvação, tem uma meta similar. Ele está frequentemente disposto a enfrentar um trabalho que envolve um sacrifício tremendo durante muitas encarnações, com o objetivo de libertar-se “permanentemente” de todos os problemas terrestres.

Por outro lado, existem aqueles cujas motivações são inegoístas e que, no entanto, parecem ser igualmente escravos do hábito de trabalhar em excesso. Neste caso, é o medo de serem incapazes de terminar uma tarefa a tempo que frequentemente os leva a uma atividade ansiosa, impaciente. Para eles, o conhecimento da lei cíclica do Carma deveria produzir uma compreensão de que, quando trabalhamos calmamente e de acordo com a lei natural, a própria natureza se coloca ao nosso serviço. “Se estivermos no rumo correto, haverá tempo e ocasião para cumprir todos os deveres e nenhum deles será esquecido (.....). Vivendo e agindo de modo integral e correto no momento presente e em toda vida, a força dinâmica do cérebro irá atuar de modo integral, e completo, e não haverá exaustão.”

Como alguém pode determinar por si mesmo se está controlando qualquer tarefa em especial, ou se está sendo controlado por ela? Em algum momento adequado ele deve perguntar-se: “Posso parar esta atividade antes de ela estar completa? Posso interromper esta linha de pensamento? Posso parar este desejo ou sentimento? Sou capaz de parar e desistir de tudo e de qualquer coisa conforme a minha vontade?” Frequentemente, a vida produz estes testes através de interrupções constantes, às quais todos estão sujeitos nesta época de exigências que se contradizem umas às outras. Se a nossa resposta é o aborrecimento, ou uma retirada mental apenas parcial da tarefa que é preferida, a lição ainda está por ser completamente aprendida.

Para o hindu, o terceiro deus da trindade é Shiva, o destruidor. Brahma e Vishnu são os poderes criador e preservador da natureza. Será difícil compreender por que uma divindade tão agressiva como Shiva pode ter tantos devotos leais?

Cada ser humano é uma combinação de Brahma, Vishnu e Shiva. Ele deve ter muito cuidado se só Brahma e Vishnu parecem prevalecer em si. Porque sem o exercício do poder de destruir a concha aprisionadora do apego – tantas vezes construída em torno de interesses, ideais, sentimentos, interpretações e até afetos – não pode haver a criação que leva ao progresso, nem a preservação de experiências da alma que são novas e mais valiosas.

NOTAS:

[1] Veja a íntegra do artigo “O Progresso Espiritual” na seção “Helena Blavatsky” do website www.filosofiaesoterica.com.

E H.P. Blavatsky acrescenta, na edição original do texto, a seguinte nota de rodapé:

“Tomada em um sentido abstrato, a Natureza não pode ser ‘inconsciente’, porque ela é a emanção da consciência ABSOLUTA e portanto é um aspecto desta (no plano manifestado). Onde está o homem suficientemente audaz para pretender negar que a vegetação e mesmo os minerais têm uma *consciência própria e peculiar*? Tudo o que ele pode dizer é que esta consciência está além da sua compreensão.”

Esta é mais uma evidência no sentido de que, segundo a teosofia, não há matéria morta no universo, e a consciência universal permeia tudo o que existe. Em seu livro “A Lei do Triunfo”, Napoleon Hill escreveu sobre a inteligência presente em cada célula orgânica, e ligou este fato a certos hábitos de alimentação:

“As células de toda vegetação, bem como as da vida animal, são dotadas de um elevado grau de inteligência. (...) Pelo fato de que muitas formas animais (inclusive o homem) vivem de devorar os animais menores e mais fracos, a ‘inteligência celular’ desses animais que entram no homem e se tornam parte dele traz consigo o medo nascido da experiência de ter sido comida viva.” [2]

De fato, a literatura teosófica ensina que comer carne – isto é, comer cadáveres de animais – é algo que embrutece o ser humano, e este embrutecimento começa pelo nível da inteligência celular. Napoleon Hill aborda a interação entre as emoções e os órgãos digestivos do ser humano:

“Sabe-se que os aborrecimentos, as emoções ou os temores interferem com o processo digestivo e, em casos extremos, detêm inteiramente este processo (.....). É claro, pois, que o espírito cumpre um papel na química da digestão e da distribuição dos alimentos” [3]

Napoleon Hill discute a relação entre o estado de espírito do indivíduo e a inteligência celular do seu corpo físico:

“A preguiça não é mais do que o resultado da ação de uma mente pouco ativa sobre as células do corpo. (.....) As células agem de acordo com o estado mental, exatamente da mesma maneira como os habitantes de uma cidade agem de acordo com a psicologia da massa que a domina. Se um grupo de cidadãos eminentes procura fazer com que a cidade adquira a reputação de ‘progressista’, esta **ação** influencia a todos os que vivem ali. Uma mente ativa e dinâmica conserva as células do corpo em constante estado de atividade.” [4]

E ainda:

“Os pensamentos dominantes na nossa mente – ou seja, os pensamentos mais profundos e freqüentes que nos vêm – influenciam a ação do nosso corpo. Cada pensamento posto em ação pelo cérebro atinge e influencia todas as células do corpo.” [5]

Não existem, portanto, coisas ou seres inconscientes. Existem apenas seres e objetos cuja consciência nós ainda somos incapazes de perceber. Em algum momento, a psicologia convencional terá que adequar-se à verdade dos fatos e ir além da pretensão darwinista do século 19, segundo a qual a única forma existente de consciência é a consciência verbal do hemisfério

cerebral esquerdo do ser humano, aquela consciência que rotula e classifica, e que julga o futuro com base no passado.

Na verdade, toda natureza é consciente, embora nem todos os seres tenham a consciência individualizada, ou percepção auto-consciente. Além disso, é importante saber que a percepção auto-consciente – de acordo com o budismo e a filosofia esotérica – é também uma forma de ilusão, de *maya*. Para que se alcance a sabedoria, ela deve ser transcendida, ao mesmo tempo que é preservada como instrumento.

O hemisfério cerebral esquerdo é útil, mas as inteligências das outras áreas cerebrais também devem ser usadas. (Um Estudante de Teosofia)

NOTAS:

[1] “The Secret Doctrine”, Helena P. Blavatsky, “Theosophy Company”, Los Angeles, volume I, pp. 277-278. Na edição da Ed. Pensamento, SP. Ver “A Doutrina Secreta”, vol. I, pp. 308-309.

[2] “A Lei do Triunfo”, de Napoleon Hill, José Olympio Editora, RJ, 18ª Edição, 1997, 736 pp., ver p. 132.

[3] “A Lei do Triunfo”, obra citada, p. 58.

[4] “A Lei do Triunfo”, obra citada, p. 609.

[5] “A Lei do Triunfo”, obra citada, p. 614.

Contradição e Paz no Aprendizado

O texto “O Grande Paradoxo”, que pode ser encontrado no setor “Helena Blavatsky” do site www.filosofiaesoterica.com, afirma que, quanto mais o aprendiz se torna capaz de perceber as realidades universais e superiores, mais ele deve desenvolver, paradoxalmente, a auto-disciplina em relação às coisas pequenas e terrestres.

O aprendiz necessita tornar-se sensível para algumas coisas e insensível para outras. Naturalmente, ele errará, e não fará isso poucas vezes. Ele verá de modo agudo, talvez doloroso, sua própria falta de coerência e o contraste entre as áreas em que avançou e as áreas em que não avançou. Ele deverá lembrar que a imperfeição é própria do ser humano, assim como o esforço constante pelo auto-aperfeiçoamento. Por isso, a palavra-chave, em teosofia, é “tentar”. O estudante de filosofia esotérica se propõe a agir a cada momento cumprindo o seu dever e tentando o melhor, sem prisão ao passado. Não são apenas as falhas e acertos que definem um ser humano. É sobretudo aquilo que ele tenta e a direção em que vai o seu esforço. As tentativas intermitentes de hoje são o padrão vibratório estável de amanhã.

Os Diferentes Níveis do Templo

O Sonho e o Ideal São Testados Na Prática

Será possível seguir a Lei Universal na vida diária? O estudante de filosofia esotérica pode manter contato consciente com ela o tempo todo?

À medida que o teosofista avança em seus estudos, a reflexão regular sobre os temas da filosofia universal muda, silenciosamente, os diferentes aspectos da sua vida. Ele pode observar então que pouco a pouco o “clima mental e emocional médio” da sua vida se torna um sustentáculo para o **templo interior**, que é habitado pelo espírito dos seus pensamentos mais elevados, aqueles que são dirigidos, sem egoísmo, ao mundo supremo.

À medida que o “clima mental e emocional médio” se torna este sustentáculo do que há de mais elevado em si, surge uma questão prática. Até que ponto ele deve envolver-se com fatos externos? Ele percebe que, quando é carregado pela expectativa e pelo envolvimento excessivo com situações físicas ou sociais, é como se as luzes do templo interior fossem apagadas, e como se o templo ficasse vazio. O caminho espiritual empalidece, quando o mundo externo fica brilhante e cheio de luzes.

Como, então, manter e fortalecer o templo interior? Não é difícil para um observador atento perceber a sequência cíclica de ilusão e decepção com que os seres humanos levam adiante suas vidas exteriorizadas. Mas como pode um estudante sério trasladar para um nível superior o foco médio da sua consciência?

A filosofia esotérica dá elementos para que o aprendiz construa com a substância da sua própria consciência um templo firme e flexível, em que não haverá espaço para sentimentos duradouros de medo ou orgulho, ambição ou desânimo, tristeza ou euforia. O templo interior é habitado por um sentimento imparcial e constante de comunhão com todos os seres. O estudante sabe que alguns seres são mais evoluídos que ele, que outros são menos, e que não tem importância. O que importa é a ajuda mútua.

Sua aspiração espiritual de qualidade mais alta constitui o ponto mais elevado do templo interno. Na mesma medida em que este ponto se eleva gradualmente, torna-se necessário um apoio no chão firme. A base de sustentação é feita com desapego, mas as ações e os hábitos físicos corretos tornam-se pouco a pouco um sustentáculo indispensável para os níveis superiores de consciência. O âmbito médio das suas emoções vai-se tornando, gradualmente, uma base firme para os seus pensamentos mais elevados. E o cultivo de pensamentos corretos abre espaço para o silêncio da intuição.

Assim a vida interior do estudante se torna como um templo de vários andares que interagem positivamente entre si. Este conjunto complexo deve ser consolidado como uma estrutura capaz de resistir a abalos sísmicos de intensidade variada. Construir um templo que cairá como uma

